REVISTA CORDIS

OS HOMENS, A DOENÇA E A MORTE NO DECAMERÃO DE GIOVANNI BOCCACCIO

MEN, DISEASE, AND DEATH IN GIOVANNI BOCCACCIO'S THE DECAMERON

Álvaro Hashizume Allegrette[1]
Wesley Barroso de Souza[2]

RESUMO: A irrupção da Peste Negra de 1348 assolou o Ocidente Europeu e desencadeou transformações significativas nas dinâmicas sociais, culturais e religiosas do período, exemplificadas pelo colapso das tradicionais práticas de luto e a sensibilidade diante da morte. Dentro dessa perspectiva, neste artigo se propõe analisar como Giovanni Boccaccio construiu a epidemia como um demonstrativo da corrupção da aristocracia e da cristandade, sendo esta o motor do colapso moral da sociedade florentina. Para tanto, o trabalho mobiliza como arrimo empírico a Introdução da obra e novelas selecionadas de *O Decamerão*, delimitando o recorte temporal entre 1348 e 1353, correspondente ao período de gestação do texto. A partir de uma metodologia analítica centrada nestas passagens específicas, busca-se compreender de que modo o autor elaborou uma trajetória pedagógica e moralizante que utilizava a representação da doença e a reconfiguração das relações entre vivos e mortos para criticar os vícios das elites e a corrupção moral da cristandade, além de propor caminhos de reconstrução social e diminuição do contágio.

PALAVRAS-CHAVE: Peste Negra; Giovanni Boccaccio; *O Decamerão*; Crise Moral.

ABSTRACT: The advent of the Black Death in 1348 devastated Western Europe and triggered significant transformations in the social, cultural, and religious dynamics of the period, as exemplified by the collapse of traditional mourning practices and the sensitivity toward death. Within this perspective, this article analyzes how Giovanni Boccaccio framed the epidemic as a demonstration of the corruption within the aristocracy and Christendom, viewing it as the driving force behind the moral collapse of Florentine society. To this end, the study mobilizes the introduction of *The Decameron* as its primary source, delimiting the chronological framework between 1348 and 1353, the period of the text's composition. Drawing on an analytical methodology focused on the work's Introduction, it seeks to understand how the author developed a pedagogical and moralizing trajectory that utilized the representation of the disease and the reconfiguration of relations between the living and the dead to criticize the vices of the elites and the moral corruption of Christendom, while also proposing paths for social reconstruction and the mitigation of the contagion.

[1] Doutorado em Ciência Social (USP). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2222-7033 E-mail: allegrette@pucsp.br
[2] Mestrando em História (PUC-SP). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orcid: https://orcid.org/0009-0004-8512-4412 E-mail: wesleybasouza@usp.br

KEYWORDS: Black Death; Giovanni Boccaccio; *The Decameron*; Moral crisis.

10.23925/2176-4174.37.2026e77603

Recebido em: 31/07/2026.
Aprovado em: 03/08/2026.
Publicado em: 09/09/2026.

Introdução

Este artigo tem como objeto de pesquisa a obra literária *O Decamerão*, escrita pelo humanista italiano Giovanni Boccaccio (1313 – 1375) entre os anos de 1348 e 1353. A introdução da obra é analisada como um projeto discursivo e moralizante, elaborado na imediação da crise da Peste Negra. O estudo debruça-se sobre a intencionalidade do autor presente nesse trecho da obra, dedicada ao detalhamento da ação da Peste sobre Florença entre os anos de 1348 e 1353, onde Boccaccio escolhe representar a epidemia como um demonstrativo da crise moral da cristandade e da aristocracia florentina do século XIV, que podem ser percebidos pelo colapso na forma como os sujeitos vão interagir com as tradições fúnebres após a presença da Peste.

Sustenta-se que a Introdução do *Decamerão*, ao representar a epidemia de 1348 e seus efeitos sobre a sociedade florentina, constituiu não apenas um testemunho literário da Peste Negra, mas também uma reflexão crítica acerca da desagregação das estruturas morais, religiosas e sociais que sustentavam a sociedade ocidental no século XIV em decorrência da crise moral da cristandade do período.

Para alcançar esse objetivo, a pesquisa estrutura-se em etapas específicas. Inicialmente, dedica-se a contextualizar as dinâmicas sociais, econômicas e o panorama urbano de Florença no século XIV, demonstrando as vulnerabilidades que propiciaram o impacto da doença. Em seguida, elabora-se uma biografia do autor e os levantamentos de dados acerca da fonte utilizada, com o objetivo de contextualizar o autor e sua produção. Depois desse momento, passassem para uma análise de como o advento da Peste Negra e os diversos surtos posterior à 1348 modificaram as

relações que os sujeitos estabeleceram com as tradições fúnebres. Por fim, realiza-se uma síntese geral com a finalidade de comprovar a validade da hipótese apresentada nesse artigo, que defende que Boccaccio enxergava a Peste como elemento que gerou um colapso da ordem social estabelecida, por decorrência dos desvios morais e ético da Cristandade e da aristocracia florentina do período.

O presente artigo não propõe uma análise comparativa exaustiva de cada novela e da estrutura narrativa do *Decamerão*. O escopo desta pesquisa circunscreve-se à seleção e ao exame de novelas específicas como arrimo empírico e documental, visando validar a hipótese atinente às intencionalidades político-ideológicas de Boccaccio delineadas na introdução de sua obra, sendo esse trecho o principal foco de análise desse trabalho.

Florença no século XIV

A Peste Negra figura-se entre os fenômenos mais amplamente estudados pela historiografia medieval desde o século XIX, mobilizando interpretações provenientes da história econômica, da história social, da história das mentalidades, da história cultural e, mais recentemente, da paleogenômica e da história ambiental. A diversidade dessas abordagens demonstra que a epidemia ultrapassou sua dimensão estritamente sanitária, constituindo-se como um acontecimento capaz de revelar profundas transformações nas estruturas políticas, econômicas, religiosas e culturais do Ocidente europeu. Nesse sentido, antes de analisar as representações da peste presentes em *O Decamerão*, faz-se necessário compreender como a produção historiográfica tem interpretado esse episódio, quais perspectivas predominam nesse debate e quais lacunas permanecem abertas, justificando, assim, a presente investigação

A escolha da cidade de Florença justifica-se pela hipótese central que orienta esta pesquisa. Ao associar a devastação provocada pela epidemia ao colapso das relações sociais, das práticas religiosas e dos mecanismos tradicionais de organização da vida urbana, Giovanni Boccaccio construiu uma narrativa que permitiu compreender a peste como elemento catalisador de uma profunda crise da sociedade florentina proveniente da corrupção moral da Cristandade e da Aristocracia Florentina. É justamente nesse contexto que Florença se torna o espaço privilegiado para a presente investigação.

Compreender essa hipótese exige, inicialmente, situar historicamente a cidade de Florença na primeira metade do século XIV. Longe de constituir apenas o cenário em que Giovanni Boccaccio viveu e escreveu, Florença figurava entre os mais importantes centros urbanos, financeiros e comerciais da Península Itálica, desempenhando papel central nas transformações econômicas, políticas e culturais que marcaram o final da Idade Média. É nesse contexto que se insere a intensa atuação dos mercadores provenientes de San Gimignano, cuja presença refletia a ampla integração comercial da Toscana. A história florentina desse período encontrava-se profundamente entrelaçada às disputas políticas envolvendo as repúblicas de Florença, Pisa e Siena, cidades cujas trajetórias se desenvolveram de forma simultaneamente autônoma e interdependente, como afirma Felipe Erra (2018).

> Pisa foi a primeira a se destacar, no século XII, em conjunto com as repúblicas de Gênova e de Veneza. Cidades portuárias, as três floresceram a partir da contínua expansão do comércio marítimo desse século, com intensa atividade de construção naval e formação de frotas. No alvorecer do 1200, a República de Siena surge como principal conglomerado urbano na Toscana; mas foi Florença, a partir de meados desse século, que vivenciou um boom espetacular, chegando no século XIV como potência econômica de amplitude internacional (ERRA, 2018, p.52).

Além das disputas políticas que marcaram as relações entre Florença, Pisa e Siena, o quadro demográfico da Toscana já apresentava sinais de fragilidade antes mesmo da epidemia de 1348. Entre 1315 e 1317, uma significativa alteração climática, caracterizada por temperaturas mais baixas e elevada pluviosidade, comprometeu a produção agrícola e desencadeou sucessivos períodos de escassez de alimentos. A redução das colheitas, especialmente de grãos e cereais, provocou episódios de fome que atingiram diferentes cidades da Península Itálica, afetando diretamente o crescimento populacional e aprofundando as vulnerabilidades econômicas e sociais que antecederam a chegada da Peste Negra (WOLFF, 1968).

> A desigualdade social tinha aí um papel importante: os mais ricos podiam, quando as notícias mostravam-se más, comprar todo seu grão de uma só vez, ao preço mais baixo e, em seguida, dosar o consumo, isso quando não chegavam a se transformar em especuladores. Os assalariados mais modestos deviam, ao contrário, fazer compras a cada oito dias, e suportar diretamente a alta dos preços. Muitas vezes, as oscilações de preços revelam toda a amplidão dos problemas colocados nas bolsas: para muitas cidades, em tempo normal, o aprovisionamento familiar tinha um papel importante, e o mercado permanecia pouco comercializado; mas, com a chegada da crise, todos recorriam a ele ao mesmo tempo, no instante em que a oferta estava mais baixa que nunca. Então, delineava-se uma vertiginosa alta dos preços,

> acrescida pelo que os economistas chamam “o efeito King” [...] (WOLFF, 1986, p.14).

À crise de abastecimento e aos sucessivos episódios de fome somaram-se os impactos econômicos decorrentes da Guerra dos Cem Anos. Embora a Península Itálica não figurasse entre os principais beligerantes do conflito, seus centros financeiros encontravam-se profundamente integrados às economias francesa e inglesa. Como observa Thatiane Piazza de Melo (2021), diversos bancos italianos financiaram a campanha militar do rei Eduardo III da Inglaterra e, diante da incapacidade da Coroa inglesa de honrar os empréstimos contraídos, importantes casas bancárias italianas entraram em colapso. A falência dessas instituições desencadeou uma crise financeira de grandes proporções, comprometendo o comércio, o crédito e a estabilidade econômica de diversas cidades italianas, entre elas Florença.

Às dificuldades políticas, demográficas e econômicas somavam-se ainda as precárias condições sanitárias que caracterizavam grande parte das cidades medievais, incluindo Florença. A ausência de sistemas de saneamento, o descarte cotidiano de resíduos nas vias públicas, a elevada densidade populacional e as condições construtivas das habitações favoreciam a proliferação de roedores e de outros agentes transmissores de doenças. Como observam os estudos sobre a urbanização medieval, esse ambiente de baixa salubridade contribuiu para ampliar a vulnerabilidade da população florentina diante da chegada da epidemia de 1348, potencializando a rápida disseminação da peste que “favorecia a proliferação de ratos, por conta das construções das moradias em condições precárias e pela sujeira dos dejetos que eram jogados nas ruas, devido à falta de saneamento básico [...] (MELO, 2021, p.05)

O crescimento urbano observado em Florença entre os séculos XIII e XIV esteve diretamente relacionado à intensificação dos deslocamentos populacionais provenientes das áreas rurais da Toscana. Wolff destaca que a mobilidade populacional constituiu um elemento estrutural das cidades medievais, permitindo sua constante renovação demográfica e o fortalecimento das atividades mercantis. Na mesma direção, Erra demonstra que a contínua migração camponesa inseriu Florença entre os maiores conglomerados urbanos da Cristandade Ocidental, conferindo à Toscana um dos mais elevados índices de urbanização da Europa no início do século XIV.

Embora as recorrentes epidemias e demais crises tenham provocado significativas perdas populacionais ao longo dos séculos XIV e XV, Jérôme Baschet (2024) observa que, em perspectiva de longa duração, os centros urbanos ocidentais mantiveram trajetória de crescimento, ainda que em ritmo mais moderado. Esse processo não apenas ampliou a circulação de pessoas, mercadorias e capitais, como também favoreceu a difusão de conhecimentos técnicos e a diversificação das atividades econômicas.

Conforme ressaltam Salles e Pinheiro (2015), a concentração populacional nas cidades estimulou a reorganização das relações de trabalho e impulsionou o desenvolvimento de novos setores produtivos, consolidando Florença como um dos principais centros econômicos da Europa medieval. Paradoxalmente, a mesma dinâmica que favoreceu sua prosperidade intensificou a densidade populacional e pressionou a infraestrutura urbana, ampliando as vulnerabilidades sanitárias que se revelariam decisivas durante a epidemia de 1348.

Arquitetura da obra: Giovanni Boccaccio e sua obra

> Que mais se pode dizer (deixando os campos e voltando à cidade), senão que foi tamanha a crueldade do céu, talvez a dos homens, foi tão rigorosa, a epidemia grassou de março a julho [...] com tanta violência, uma multidão de doentes foi tão mal socorrida, ou até, em razão do medo que inspirava às pessoas saudáveis, abandonada em tal privação, que se tem alguma segura razão de estimar em mais de 100 mil o número de homens que perdeu a vida no recinto da cidade. Antes do sinistro, não se imaginara talvez que nossa cidade contasse tal quantidade deles. Quantos grandes palácios, quantas belas asas, quantas moradas, outrora repletos de criados, de senhores e de damas, viram afinal desaparecer até seu mais humilde servidor! Quantas ilustres famílias, quantos imponentes domínios, quantas fortunas reputadas ficaram privadas de herdeiros legítimos! Quantos valorosos senhores, belas damas e graciosos rapazinhos, aos quais não só o corpo médico, mas Galeando, Hipócrates e até Esculápio teriam conferido um certificado de robusta saúde, tomaram a refeição da manhã com seus parentes, seus camaradas e seus amigos e, chegada à noite, sentaram-se no outro mundo à ceia de seus ancestrais (BOCCACCIO, 2018. P.27).

O excerto acima apresentado, foi extraído do Prólogo de *O Decamerão*[3], constitui uma das descrições mais conhecidas da Peste Negra produzidas durante o século XIV. Nele, Giovanni Boccaccio registra não apenas a intensidade da

[3] O título *Decamerão* deriva dos vocábulos gregos *déka* (dez) e *hēméra* (dia), significando "dez dias" ou "dez jornadas", em referência à organização da obra de Boccaccio: cem novelas distribuídas em dez jornadas, cada uma conduzida por um dos integrantes do grupo que se refugia em Fiesole durante a epidemia (BOCCACCIO, 2018, p. 21).

mortalidade provocada pela epidemia, mas também a desagregação das relações familiares, o abandono dos enfermos e o colapso da vida cotidiana em Florença, aspectos que estruturam a narrativa desenvolvida ao longo da obra.

Composta entre 1349 e 1353, a obra organiza-se em cem novelas distribuídas ao longo de dez jornadas e acompanha a trajetória de dez jovens pertencentes à elite florentina — Pampineia, Filomena, Neifile, Fiammetta, Elissa, Lauretta, Emilia, Panfilo, Filostrato e Dioneo — que, diante da rápida propagação da epidemia, decidem abandonar a cidade e refugiar-se em uma propriedade localizada nas colinas de Fiesole, nos arredores de Florença. Esse afastamento voluntário constitui o eixo narrativo da obra e oferece o enquadramento a partir do qual Boccaccio construiu suas representações acerca da peste, da sociedade florentina e das profundas transformações desencadeadas pela crise do século XIV (BOCCACCIO, 2018, p. 45 e 46).

Considerando que a presente pesquisa utiliza o proêmio, a introdução e novelas selecionadas de *O Decamerão*, faz-se necessário explicitar os critérios que orientaram a seleção da fonte traduzida. Para este estudo, adotou-se a edição integral publicada pela Editora Nova Fronteira em 2018, com tradução de Raul de Polillo. A escolha justifica-se, primordialmente, pela natureza historiográfica desta investigação, que se centra na análise das representações sociais da peste e nas mentalidades do século XIV, e não em questões estritas de crítica textual ou linguística. Embora o texto original italiano fixado na edição crítica filológica de Vittore Branca (baseada no manuscrito autógrafo *Hamilton 90*) constitua a referência científica global para o controle da obra, a versão de Polillo mostra-se plenamente suficiente e adequada aos objetivos propostos. Trata-se de uma tradução consagrada no cenário editorial brasileiro que preserva a integridade da famosa crônica boccacciana sobre o impacto demográfico e moral da epidemia em Florença, oferecendo o suporte semântico necessário para o escopo analítico deste artigo.

Definidos os critérios metodológicos que orientam a utilização da fonte, torna-se necessário uma breve biografia de Giovanni Boccaccio. Embora *O Decamerão* constitua o objeto central deste artigo, sua interpretação exige considerar a trajetória de seu autor, as experiências que marcaram sua formação e o ambiente social no qual sua obra foi concebida.

Giovanni Boccaccio nasceu em 1313, presumivelmente em Florença ou na adjacente Certaldo, na condição de filho ilegítimo de Boccaccino di Chellino, próspero mercador toscano vinculado à influente Companhia Bancária dos Bardi. Inserido desde a infância em um estrato social profundamente impactado pela expansão das atividades mercantis, o autor vivenciou de forma direta a dinâmica econômica que singularizava as comunas italianas do século XIV. Conquanto a intenção paterna consistisse em direcioná-lo inicialmente à carreira comercial e, subsequentemente, aos estudos do Direito Canônico — o que motivou seu envio à corte de Roberto de Anjou, em Nápoles, por volta de 1327 —, o jovem manifestou uma inclinação perene em direção às letras, à poesia e aos estudos humanísticos. Esse processo culminou no abandono gradual do itinerário formativo projetado por seu progenitor em favor de uma profícua dedicação à atividade literária (BOCCACCIO, 2018, p.11-13).

O período em Nápoles, conquanto profissionalmente frustrante, revelou-se culturalmente decisivo para a trajetória de Boccaccio. A corte angevina franqueou-lhe o acesso a um vasto acervo bibliográfico, fomentando sua interlocução com a erudição clássica e com a aristocracia local. Foi nesse ecossistema palaciano que o autor refinou sua sensibilidade poética e engendrou o mito de Fiammetta — figura que a tradição literária frequentemente associa a Maria d'Aquino, suposta filha ilegítima do rei Roberto —, elegendo-a como sua musa inspiradora. Em sua produção literária, nomeadamente na arquitetura da *brigata* de sua obra magna, Fiammetta é caracterizada por sua singular elegância, agudo senso de justiça, liderança e vivacidade intelectual. Todavia, em decorrência da crise financeira que solapou a casa bancária dos Bardi, Boccaccio viu-se compelido a retornar a Florença em 1340, preterindo a opulência da corte napolitana em favor de uma realidade política marcadamente austera e pragmática (BOCCACCIO, 2018, p.14-17)

Na maturidade, a trajetória de Boccaccio transfigurou-se profundamente sob o influxo de seu interlocutor e amigo Francesco Petrarca, cuja convivência o direcionou a um humanismo de viés marcadamente clássico e científico. Sob essa nova orientação intelectual, o autor passou a renegar o teor libertino de suas produções juvenis, dedicando-se à compilação de extensas enciclopédias em latim voltadas à mitologia clássica e à geografia. Seus anos crepusculares foram singularizados pelo pioneirismo no culto a Dante Alighieri: não apenas redigiu o *Tratado em Louvor a Dante* — que se configura como uma das pioneiras biografias do poeta —, mas

também proferiu as primeiras leituras públicas comentadas da *Divina Comédia* na Igreja de Santo Stefano de Badia. Convalescente e habitando em condições modestas, Boccaccio recolheu-se em sua residência em Certaldo, municipalidade onde veio a falecer em 21 de dezembro de 1375 (BOCCACCIO, 2018, p.19-24).

A gestação do *Decameron* vincula-se umbilicalmente ao ano de 1348, conjuntura em que a Peste Negra assolou a cidade de Florença. Giovanni Boccaccio testemunhou empiricamente a desagregação dos vínculos consanguíneos, a insolvência das instituições civis e o subsequente colapso moral que acometeram a sociedade florentina daquele período. Foi precisamente diante desse cenário de devastação que o autor concebeu a obra entre 1348 e 1353, instrumentalizando a literatura não apenas como vetor de entretenimento, mas como um mecanismo premente de reconstrução social e reordenação psicológica frente à anomia urbana e sanitária instaurada (BOCCACCIO, 2018, p.19-21).

No plano formal, a obra consolidou o conceito de narrativa em moldura (ou *cornice*), uma estrutura arquitetônica na qual uma diégese principal atua como matriz para abrigar dezenas de contos independentes. Ao conceber a *brigata* — o grupo composto por dez jovens florentinos que se refugia no espaço rústico —, Boccaccio erigiu um modelo arquetípico de civilidade, higiene e ordenamento. Essa microsociedade idealizada contrastava de maneira antitética com a anarquia e a dissolução moral que imperavam na Florença Urbana daquele período (BOCCACCIO, 2018, p.21-23).

No espectro linguístico e estilístico, o *Decameron* operou uma inflexão estética indissociável de seu tempo histórico, marcadamente balizado pela emergência do Humanismo e pela subsequente ressignificação das matrizes clássicas, das quais o autor figurou como expoente proeminente. Com efeito, desvincular Boccaccio de sua tessitura conjuntural e dos debates intelectuais correlatos implicaria um manifesto anacronismo e um grave equívoco de ordem historiográfica[4]. Redigida em prosa vernácula fundamentada no dialeto toscano, a obra inaugurou um realismo literário singular ao perscrutar personagens oriundos de estratos sociais heterogêneos — de

[4] Para mais informações acerca das transformações provenientes do movimento Humanista e Renascentista, ver: MACHEL, Marília de Azambuja Ribeiro; RODRIGUES, Rui Luis. Renascimento e Humanismo. In: ARAÚJO, André de Melo *et al.* (Orgs.). ***A época moderna***. Petrópolis: Vozes, 2024. p. 345-373.

mercadores e camponeses a monarcas e clérigos corrompidos. Tais agentes agem desprovidos de determinismos providenciais, movidos por agências estritamente terrenas: a inteligência (*ingegno*), a astúcia retórica, o erotismo e a sátira contundente direcionada à hipocrisia eclesiástica. Desse modo, o texto celebra o protagonismo do sujeito na modelação do próprio destino em um horizonte de mundo progressivamente laico e contingencial.

A trajetória receptiva da obra subsequente à sua publicação foi caracterizada por um expressivo sucesso popular em contraposição a um rigoroso aparato censório. No decurso da Reforma Católica, no século XVI, o *Decameron* foi formalmente indexado ao *Index Librorum Prohibitorum*, em virtude de suas sátiras contundentes direcionadas aos desvios morais do clero. Para salvaguardar a circulação da obra, o Tribunal do Santo Ofício exigiu a produção de edições expurgadas — conhecidas como "corrigidas" —, nas quais clérigos transgressores eram convertidos em personagens laicos, com o fito de preservar a imagem institucional da Igreja Católica. Não obstante as vicissitudes persecutórias, a matriz textual original subsistiu, exercendo influxo basilar sobre autores do quilate de Geoffrey Chaucer e William Shakespeare, além de sedimentar os alicerces da prosa literária italiana moderna. Na contemporaneidade, o códice *Hamilton 90* — reconhecido pela tradição filológica como o manuscrito autógrafo de Boccaccio — encontra-se salvaguardado no acervo da Biblioteca Estatal de Berlim (*Staatsbibliothek zu Berlin*), na Alemanha.[5]

A peste no ocidente europeu: etinologia, cronologia e o debate historiográfico

O fenômeno histórico catalogado como Peste Negra — denominado à época contemporânea ao surto como *Magna Pestilencia* — manifestou-se clinicamente por meio de duas variantes principais: a forma pneumônica e a forma bubônica, sendo esta última a de maior dominância quantitativa (LE GOFF, 2011, p. 178). No plano etiológico, a dispersão da bactéria *Yersinia pestis* operou-se por meio de vetores ectoparasitas, especificamente pulgas hospedadas no rato preto (*Rattus rattus*), cuja

[5] BOCCACCIO, Giovanni. **Decameron: codice autografo**. c. 1370-1372. 1 manuscrito (pergaminho, 113 f.). Berlim: Staatsbibliothek zu Berlin - Preußischer Kulturbesitz, [1375]. Codex Hamilton 90. Disponível em: staatsbibliothek-berlin.de. Acesso em: 17 jul. 2026. Acerca da validação desse manuscrito como original e com a autoria sendo efetivamente de Boccaccio, ver a obra de Vittore Ricci e Giorgio Pier: BRANCA, Vittore; RICCI, Pier Giorgio. **Il Decameron: edizione critica secondo il codice Hamilton 90**. Florença: Accademia della Crusca, 1976.

proliferação nos navios mercantes italianos que singravam o Mar Mediterrâneo propiciou a interiorização do surto nos portos europeus. Paralelamente, a semântica do termo "negra" associa-se empiricamente à sintomatologia da infecção, caracterizada pelo surgimento de bubões hemorrágicos e necroses teciduais de coloração escura nos enfermos, os quais eram acometidos por rápida e dolorosa falência orgânica. Conforme aponta a historiografia social do período, "os doentes sucumbem em alguns dias, sem remédio nem alívio possíveis; cidades e aldeias se cobrem de cadáveres, que os sobreviventes penam para enterrar com decência" (BASCHET, 2024, p. 260).

Na introdução, o autor articula uma dupla chave interpretativa para a calamidade: por um lado, o fenômeno vinculava-se às correntes do comércio de longa distância, cujas rotas mercantis interligavam o Mar Mediterrâneo ao Levante, atuando como vetor material de propagação da enfermidade. Por outro lado, em consonância com o imaginário escatológico do *Trecento*, o literato reporta a crença de que a peste se configurava como uma justa ira divina, uma punição providencial destinada a purgar os desvios morais e as iniquidades de uma cristandade em manifesto estado de corrupção espiritual.

> Já havíamos chegado ao ano 1348 da fecunda Encarnação do filho de Deus, quando a cidade de Florença, nobre entre as mais famosas da Itália, foi atormentada pela epidemia mortal. Que a peste tenha sido fruto das influências astrais ou o resultado de nossas iniquidades, e que Deus, em sua justa cólera, a tenha lançado sobre os homens como punição de nossos crimes, de qualquer modo ela se manifestara alguns anos antes nos países do Oriente, onde provocara a perda de uma quantidade inumerável de vidas humanas. Depois, sem interrupção, grassando passo a passo, ela propagou-se para nossa infelicidade em direção ao Ocidente. Todas as medidas profiláticas mostraram-se sem efeito. Os agentes especialmente encarregados em vão limparam a cidade de seus montes de lixo. Em vão interditaram a entrada da cidade a todo enfermo e multiplicaram as prescrições de higiene. Inutilmente recorreram, e muito mais que uma vez, às súplicas e preces costumeiras nas procissões, e às de um outro tipo, cujos devotos se desobrigam com Deus. Nenhum resultado foi obtido. Desde os dias primaveris no ano a que me referi, o horrível flagelo começou a manifestar, de maneira surpreendente, suas devastações dolorosas (BOCCACCIO, 2018, p.37-38).

Observa-se que Boccaccio vincula a irrupção da peste e sua subsequente difusão pelo Ocidente europeu a uma manifestação da cólera divina, mediante a qual a Providência puniria a humanidade em decorrência de sua degeneração moral e condição pecaminosa. Sob a ótica do literato toscano, por tratar-se de um desígnio metafísico, todas as tentativas humanas de profilaxia e contenção da moléstia

revelaram-se inócuas e insuficientes, carecendo de eficácia prática no que tange à mitigação do contágio entre os indivíduos. Não obstante esse fatalismo teológico, o autor elenca no proêmio de sua obra que o poder público implementou medidas pragmáticas de controle sanitário, dentre as quais sobressaíram a proibição do trânsito interurbano de indivíduos e a interdição da entrada de viajantes potencialmente infectados pela bactéria nos núcleos urbanos.

É fundamental ressaltar que, até a virada bacteriológica no século XIX, as discussões acerca da etiologia da peste estiveram pautadas por paradigmas pré-modernos, marcadamente orientados pela teoria miasmática. Distante de um consenso biológico, a causa da infecção permanecia atribuída à corrupção e à poluição do ar (os miasmas), as quais resultavam de vetores distintos de causalidade: por um lado, as influências e conjunções astrológicas e, por outro, os odores pútridos emanados por cadáveres sepultados no solo de forma inadequada, como afirma o historiador Jean Delumeau (2009):

> [...] A pesquisa médica atual [Século XX] interroga-se sobre o “dogma do rato” no que concerne à peste bubônica. Sem dúvida, a história dessa doença desde as origens permanece ligada à do rato. Mas, em inúmeras epidemias de peste bubônica, parece que o fator multiplicador, o principal agente de transmissão teria sido, não o parasita murídeo, mas a pulga que ataca o homem, a qual passa de um hospedeiro agonizante para um hospedeiro são. A mortalidade não teria implicado então necessariamente um antecedente epizoótico. Dai as devastações do contágio nos bairros populares onde o parasitismo era mais denso [...] (DELUMEAU, 2009, p.159).

Por ora, cumpre indagar se a asserção de Boccaccio concernente à cronologia e à procedência geográfica da Peste Negra converge a historiografia especializada no período.

Em um primeiro momento, faz-se necessário indagar: em que medida a cronologização e a localização da procedência geográfica de uma bactéria instrumentalizam o historiador na compreensão da organização e da composição socioestrutural e cultural das sociedades do século XIV? Essa análise fundamenta-se nas clivagens ocasionadas pela Peste Negra nas relações dos sujeitos com suas estruturas afetivas — em especial o medo —, com o pensamento litúrgico, com os ritos fúnebres, com os ordenamentos jurídicos e com a burocracia administrativa. Sob a perspectiva de Delumeau, a identificação da gênese de uma calamidade pode revelar-se como uma necessidade premente, uma vez que possibilita aos sujeitos contemporâneos do surto, a construção de esquemas explicativos e de narrativas,

cujo escopo reside em aplacar as angústias dos indivíduos. Estes, imersos em temores, lutos e desordens psicológicas, engendram concepções escatológicas, imaginários defensivos, crenças místicas e perseguições a minorias como mecanismos catárticos para neutralizar os males que os assolam.

> Por mais chocada que estivesse, uma população atingida pela peste procurava uma explicação para o ataque de que era vítima. Encontrar as causas de um mal é recriar um quadro tranquilizador, reconstituir uma coerência da qual sairá logicamente a indicação dos remédios (DELUMEAU, 2009, p.138).

Sob o mesmo prisma historiográfico, Jacques Le Goff (2011) localiza a eclosão e fixa a cronologia do surto pandêmico no mesmo horizonte temporal recortado pela narrativa de Boccaccio. Ao cruzar os dados da demografia histórica com os registros cronísticos do *Trecento*, o medievalista francês ratifica o ano de 1348 como o epílogo crítico em que a desestruturação sanitária atingiu seu ápice nas principais rotas comerciais e nos núcleos urbanos da península itálica, validando empiricamente o cenário de ruptura civilizacional, retratado no *Decameron*:

> A origem pode ser fixada e datada. A colônia genovesa de Caffa, na Crimeia, foi cercada por asiáticos, que utilizaram como armas contra os sitiados cadáveres de pestíferos jogados por cima das muralhas. O bacilo veiculado pelas pulgas dos ratos ou, como se crê mais hoje em dia, pelo contato humano, entrou no Ocidente a bordo dos barcos originários de Caffa. Durante o ano de 1348, a peste difundiu-se praticamente por toda a Europa (LE GOFF, 2011, p.179).

Outrossim, Jérôme Baschet (2024, p. 260) corrobora essa periodização ao pontuar que a irrupção da peste no Ocidente europeu representou uma ruptura demográfica sem precedentes na história medieval. O historiador demonstra que a velocidade do contágio solapou as estruturas de solidariedade comunitária e paroquial vigentes, mergulhando as municipalidades em um estado de profunda anomia material e simbólica. Sob essa perspectiva, o colapso verificado em 1348 não se circunscreveu à esfera biológica, mas desarticulou o próprio tecido social da cristandade ocidental, validando a dimensão trágica das crônicas do período e o próprio testemunho literário de Boccaccio:

> O ano de 1348 é seguramente uma data de grande impacto. Transmitida aos humanos pela pulga do rato negro, a peste bubônica, que havia poupado a Europa desde a época de Justiniano, ataca de novo. Trazida do Oriente pelas galeras genovesas, espalha-se por toda Itália, França, Inglaterra, e na Península Ibérica durante o ano de 1348 e, no ano seguinte, nos domínios alemão, centro-europeu e escandinavo (BASCHET, 2024, p.260).

Kellen Jacobsen Follador (2016) delimita a procedência geográfica e os marcos cronológicos da peste no Ocidente europeu em estrita consonância com as perspectivas historiográficas supracitadas. A historiadora ratifica que o vetor de difusão do patógeno seguiu o fluxo das galeras mercantes oriundas do Mar Negro, a partir do entreposto de Cafa, com atracação nos portos italianos entre 1347 e 1348:

> Era outono de 1347 quando as galeras genovesas se aproximaram do porto de Messina, na ilha da Sicília. O porto, que era um dos principais pontos de parada dos navegantes que seguiam a rota da Seda, ou daqueles que vinham de outras paragens, dessa vez, não permitiu que as galeras genovesas fossem esvaziadas. Ao contrário do que geralmente ocorria, estes genoveses não trouxeram consigo apenas sedas ou outras especiarias tão desejadas, mas corpos putrefatos [...] Dentro de dois anos, 1348-1350, a doença se espalhou por toda Europa e se transformou em uma epidemia, dizimando de um terço à metade da população europeia (FOLLADOR, 2016, p.27).

Em contraposição a essa hipótese historiográfica tradicional, Monica H. Green sustentou que a Peste Negra teve sua gênese no século XIII, na Ásia Central — especificamente na região de Tian Shan —, impulsionada pela expansão do Império Mongol, e não no decurso do século XIV. Essa tese, elaborada no artigo *The Four Black Deaths* (2020, p. 1601-1606; 1610-1618), propõe que o grande desenvolvimento genético da *Yersinia pestis* ocorreu aproximadamente um século antes do surto europeu.

A autora redefine a cronologia etiológica da pandemia, argumentando que o surto devastador do século XIV não decorreu de uma introdução patogênica abrupta, mas sim do transbordamento (*spillover*) de reservatórios ecológicos perenes, semeados na Eurásia Ocidental pelas campanhas militares mongóis ao longo de cem anos (GREEN, 2020).

Green pondera que, conquanto o entreposto de Cafa tenha desempenhado uma função logística relevante na distribuição marítima terminal, a centralidade analítica conferida a esse evento negligenciou as rotas continentais que já haviam estabelecido o agente bacteriano nas franjas do continente europeu. Sob essa ótica, o vetor de translação mais provável do patógeno residiria nos suprimentos de grãos — com ênfase no trigo — e na forragem transportada pelos exércitos mongóis desde o século XIII.

Nesses estoques, roedores portadores da bactéria viajaram camuflados através da Rota da Seda. Destarte, o espraiamento da moléstia não se processou por

meio de uma transmissão linear e contínua inter-humana, mas sim pela infecção primária entre roedores, a partir da qual a bactéria fixou residência e multiplicou-se silenciosamente no ecossistema faunístico situado entre a região do Mar Negro e a Bacia do Volga, sob o domínio da Horda de Ouro. Por conseguinte, em virtude das anomalias climáticas enfrentadas pelo Ocidente europeu no século XIV, o patógeno operou um salto quantitativo desses múltiplos bolsões enzoóticos para os contingentes humanos estabelecidos nos núcleos urbanos da Europa.

No que concerne à celeridade do contágio e à capilaridade com que a bactéria se propagou, cumpre analisar: como Boccaccio elucidou os mecanismos de proliferação da patologia? O autor evidenciou que a transmissão operava em vetores multidirecionais, transcendendo uma dinâmica unilateral restrita a seres vivos da mesma espécie (homem-homem ou animal-animal) (BOCCACCIO, 2018, p. 31).

> É coisa que causa maravilha o ouvir o que eu devo dizer. Se o que se passou não fosse visto pelos olhos de muitos, bem como pelos meus, mal eu me afoitara a crer na ocorrência, e menos ainda a escrever, por mais digna que fosse, de fé, a pessoa na pela qual eu o ouvisse narrar. Asseguro que foi de tanta potência a peste descrita, no capricho de passar de um mortal a outro, que não somente de homem a homem ela se transferia; chegou muitas vezes a fazer, visivelmente, o que adiante se afirma, e que é muito mais: a coisa do homem enfermo, ou morto de tal enfermidade, quanto tocada por outro ser, animal, fora da espécie do homem, não somente o contaminava, mas também o matava dentro de muito breve espaço de tempo. Deste fato, os meus olhos (como pouco antes disse) tiveram, certo dia, entre outras vezes, a seguinte experiência: os trapos de um pobre homem, morto de tal enfermidade, foram atirando à rua. Dois porcos, segundo o seu costume, primeiro os sacudiram com o focinho, e depois o apanharam com os dentes, esfregando-os cada qual na própria cara. Uma breve hora depois, após algumas convulsões, como se houvessem tomado veneno, os dois porcos caíram mortos, por terra, sobre os farrapos em tão mau instante atirados à via pública.

De qualquer modo, torna-se possível constatar que a moléstia se difundiu de forma célere e letal pelo continente europeu, manifestando-se de maneira recorrente no cenário pós-surto de 1348. A enfermidade retornou endemicamente nos intervalos de "1366 – 1369, 1374 – 1375, 1400 – 1407, 1414 – 1417, 1432 – 1435, 1438 – 1439, 1445, 1464..." (LE GOFF, 2011, p. 180). Por conseguinte, a reincidência crônica desses surtos epidêmicos colidiu diretamente com as estruturas psicossociais da época, tensionando a mentalidade humana frente à iminência da finitude e à realidade mortífera que se impunham aos sujeitos tardo-medievais.

> Os homens e as mulheres contaminados pelo bacilo eram derruba dos depois de uma curta incubação por um acesso que, depois de 24 a 36 horas, levava na maioria das vezes à morte. A segunda razão desse pânico frente à peste

> foi a revelação aos ocidentais da potência do contágio. Sem dúvida se julgava que a lepra podia sei contagiosa - o que é falso -, mas com a peste o contágio verificou-se irrefutável

Faz-se imperativo frisar que o recorte temporal compreendido entre os anos de 1348 e 1353 agrega duas particularidades analíticas significativas para o escopo do presente artigo. Em um primeiro momento, esse recorte cronológico demarca o auge epidemiológico da primeira grande onda de dispersão da Peste Negra, conjuntura em que a bactéria assolou de maneira contínua e linear os territórios da Europa Ocidental e Oriental. Em um segundo momento, no que concerne ao horizonte cronológico da produção boccacciana, cumpre assinalar que a redação do *Decameron* se operou em um contexto de refluxo imediato do primeiro surto epidêmico na comuna florentina. Ao caracterizar o período de ambientação da *brigata* como a "época pestilenta da passada mortandade" (BOCCACCIO, 2018, p. 23), Boccaccio não pressupõe a erradicação absoluta do agente patógeno no continente, mas operou a partir de um distanciamento analítico e memorialístico em relação ao ápice do colapso demográfico verificado em 1348.

Destarte, o intervalo entre 1349 e 1353 configura-se como um espaço de latência e elaboração discursiva, no qual o autor instrumentalizou a memória coletiva traumática da crise sanitária para fundamentar seu projeto de regeneração ética e reordenação civil das instituições florentinas.

No que tange ao impacto e à progressão da peste na região de Florença, faz-se profícuo examinar como a narrativa boccacciana articulou a ineficácia das instâncias administrativas locais no controle da crise sanitária. O autor evoca a falência das medidas profiláticas e preventivas implementadas pelo poder público, detalhando que as ações de contenção — que incluíam a limpeza urbana compulsória dos resíduos e a interdição da entrada de indivíduos potencialmente infectados pela bactéria — mostraram-se insuficientes diante da magnitude do contágio (BOCCACCIO, 2018, p. 30).

> Naquela Cidade de Florença, cuidado algum valeu, nem importou qualquer providência humana. A praga, quase no início da primavera do ano referido [1348], começou, a despeito de tudo, a mostrar, horrivelmente, e de modo miraculoso, os seus efeitos. De muita imundície a cidade se purificou, por obra de funcionários para tal fim admitidos. Proibiu-se a entrada, nela, de qualquer enfermo. Muitos conselhos se distribuíram, para a conversação do bom estado sanitário. De nada valeram, as súplicas humildes, feitas em grande número, ora por pessoas devotas isoladas, ora por procissões humanas alinhadas, e ora por outras formas dirigidas a Deus (BOCCACCIO, 2018, p.30-31).

Escatologia e os rituais fúnebres

Faz-se necessário considerar que a peste se inseria em um imaginário apocalíptico profundamente enraizado no pensamento europeu desde a Baixa Idade Média, período no qual a moléstia era simbolicamente associada a um dos flagelos escatológicos. Sob essa perspectiva, a enfermidade configurava-se como a materialização de um dos Cavaleiros do Apocalipse, cujos arautos — representados pela Guerra, Fome, Peste e Morte — encontram-se descritos no Livro do Apocalipse (6:1-8). Em cuja narrativa bíblica pormenoriza-se a irrupção de cada uma dessas forças escatológicas como vetores da justiça providencial:

> Vi quando o Cordeiro abriu o primeiro dos sete selos. E ouvi o primeiro dos quatro Seres vivos falar como estrondo de trovão: 'Venha!'. Vi então quando apareceu um cavalo branco. O cavaleiro tinha um arco, e deram para ele uma coroa. Ele partiu, vitorioso e para vencer ainda mais.
> Vi quando o Cordeiro abriu o segundo selo. E ouvi o segundo Ser vivo dizer 'Venha!'. Apareceu então outro cavalo, vermelho. Seu cavaleiro recebeu o poder para tirar a paz, a fim de os homens se matarem uns aos outros. E entregarem para ele uma grande espada.
> Vi quando o Cordeiro abriu o terceiro selo. E ouvi o terceiro Ser vivo dizer 'Venha!'. Apareceu então um cavalo preto. O cavaleiro tinha na mão uma balança. Ouvi uma voz que vinha do meio dos quatro Seres vivos, e dizia 'Um quilo de trigo por um dia de trabalho! Três quilos de cevada por um dia de trabalho! Não danifiquem o óleo e o vinho'.
> Vi quando o Cordeiro abriu o quarto selo. E ouvi o quarto Ser vivo dizer 'Venha!'. Vi aparecer um cavalo esverdeado. Seu cavaleiro era a Morte. E vinha acompanhado com o mundo dos mortos. Deram para ele o poder sobre a quarta parte da terra, para que matasse pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra (BÍBLIA, Apocalipse 6, 1-8).

Destarte, a irrupção da Peste Negra — amalgamada ao cenário de conflagrações bélicas, crises de subsistência e mortandade em massa que assolavam o Ocidente europeu no século XIV — configurou-se como a materialização empírica de dois pilares semânticos fundamentais para os sujeitos daquela temporalidade. O primeiro residia na apreensão da doença como uma manifestação tangível da cólera divina em resposta às transgressões morais da humanidade. O segundo traduzia-se no prenúncio da iminência do combate escatológico entre Cristo e o Anticristo pela salvação das almas, sinalizando o cumprimento inexorável do tempo providencialista cristão. Nesse sentido, pode-se mapear que foi durante esse período que a figura do santo São Sebastião apareceu com mais força, como o defensor dos seres humanos

perante a Peste Negra e atuando como um intermediário entre Deus e os Homens, visando amenizar a cólera divina e conter o avanço do cavaleiro pestilento.
Caracterizado como o santo protetor dos enfermos e contra as pragas, sendo as flechas associadas as doenças e pragas, Sebastião se tornou um símbolo na luta contra a Peste Negra. A história de seu martírio pode ser identificada a partir do ano de 288, sob o governo de Diocleciano (244 – 312 d.C). [6]

Na ilustração subsequente (Figura 1), observa-se um painel do final do século XIV executado pelo pintor franco-flamengo Josse Lieferinxe (ativo entre 1493 e 1505), no qual se representa São Sebastião no exercício de sua mediação hagiográfica e taumatúrgica. A obra foi encomendada em 1497 pela Confraria de São Sebastião com o escopo de ornamentar o retábulo do altar-mor da Igreja de *Notre-Dame-des-Accoules*, templo situado na municipalidade de Marselha, na França (STERLING, 1945; THE WALTERS ART MUSEUM, [202-?]).[7]

[6] Para mais informações acerca da hagiografia e biografia de São Sebastião, consultar as seguintes obras: ARNÓBIO, o Jovem (Atribuído). *Passio Sancti Sebastiani* (*Acta Sancti Sebastiani*). *In*: MIGNE, Jacques-Paul (Ed.). **Patrologia Latina**. Paris: Migne, 1845. v. 17, col. 1021–1058 (Documento original do século V); CHURRUCA, Agustín. **O livro de ouro dos santos**: vidas e milagres dos santos mais venerados no Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003; e VARAZZE, Jacopo de. São Sebastião. *In*: VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: vidas de santos. Tradução do latim, apresentação e notas de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. cap. 23.

[7] Para mais detalhes acerca da trajetória biográfica do pintor, ver: STERLING, Charles. Lieferinxe, Josse. *In*: **Grove Art Online**. Oxford: Oxford University Press, 2003. Disponível em: oxfordartonline.com. Acesso em: 17 jul. 2026. Acerca da encomenda perpetrada pela Confraria de São Sebastião, ver: THE WALTERS ART MUSEUM. **Josse Lieferinxe**: Saint Sebastian Interceding for the Plague-Stricken (Curatorial Description and Biography). Baltimore: The Walters Art Museum Acquisitional Records, [202-?]. Disponível em: thewalters.org. Acesso em: 17 jul. 2026. Acerca da associação da autoria a Lieferinxe, ver o artigo: STERLING, Charles. Saint Sebastian interceding for the plague stricken (by Josse Lieferinxe). **The Art Quarterly**, Detroit, v. 8, n. 3, p. 216–222, 1945.

Figura 1. São Sebastião Intercede pelas Vítimas da Peste, de Josse Lieferinxe (1497-1499).



Fonte: LIEFERINXE, Josse. São Sebastião Intercede pelas Vítimas da Peste. 1497-1499. 1 painel (óleo sobre madeira), color., 81,8 cm × 55,4 cm. Walters Art Museum, Baltimore. Disponível em: thewalters.org. Acesso em: 17 jul. 2026.

Em um primeiro momento, observa-se São Sebastião localizado no plano superior direito do quadro, intercedendo a Deus pela salvação da humanidade. Alvejado pelas flechas que simbolizam o flagelo epidêmico, o santo clama pela clemência divina. Em um segundo momento, torna-se perceptível a disputa metafísica pelas almas humanas entre forças angélicas e demoníacas, as quais confluem em combate logo abaixo das representações divinas e hagiográficas. Em um terceiro momento, no quadrante inferior esquerdo, um indivíduo acometido por um proeminente bubão na região cervical clama por auxílio no limiar de sua finitude. Sob este plano inferior, quase extrapolando os limites da moldura, um corpo envolto em uma mortalha fúnebre é removido por um transeunte. Torna-se imperativo identificar que ambos os sujeitos encontram-se em centralidade cromática e espacial no painel, estratégia deliberada do artista para evidenciar o destino trágico das populações infectadas pela bactéria e ilustrar a anomia social instaurada pela peste.

No que compete à articulação entre a práxis boccacciana e a escatologia tardo-medieval, cumpre indagar em que medida a percepção da finitude biológica e as

subsequente metamorfoses das mentalidades coletivas encontram-se representadas no tecido literário. Torna-se perceptível, no *Decameron*, o registro do impacto que o surto epidêmico legou à esfera devocional dos fiéis, cujas práticas tradicionais voltadas à remissão dos pecados e à busca por salvaguarda transcendental após a morte foram profundamente tensionadas. Ao defrontarem-se com a desestruturação material, econômica e institucional da comuna — amalgamada à pletora de fomes e conflagrações bélicas conjunturais —, os indivíduos ressignificaram suas rotinas mediante o engajamento em atividades de teor secular. Destarte, na economia interna da obra, Boccaccio evidencia que o escopo primordial desses sujeitos residia na fuga do ócio e na manutenção deliberada de uma normalidade cotidiana em um cenário marcadamente assinalado pelo império da morte.

> [...] Os homens, ao sentirem-se acossados pela melancolia ou desânimo, encontram muitas formas de alívio, ou, de entretenimento. Em querendo, não lhes faltam ocupações, como a de ir de uma parte à outra, a de ouvir, a de ver coisas, a de armar alçapões aos pássaros, a de caçar, a de pescar, a de cavalgar, a de jogar, a de barganhar. Nestas atividades, cada qual possui força de prender, no todo ou em parte, o pensamento, afastando-o da preocupação mais dolorosa, ainda que mais não seja do que por breve espaço de tempo. Depois deste espaço de tempo, de uma ou outra maneira, ou o consolo sobrevém, ou o sofrimento se faz menor. (BOCCACCIO, 2018. P.23).

Contudo, essa asserção de Boccaccio não comporta generalizações historiográficas. Em virtude da recorrência crônica da peste e da desestruturação que o surto infligiu às estruturas assistenciais e aos aparatos fúnebres do século XIV, as coletividades articulavam respostas plurais frente à finitude biológica. A primeira dessas vertentes comportamentais consubstanciava-se na preeminente preocupação em salvaguardar a transcendência da alma.

> A diminuição populacional acarretada pelo surto de peste, além da dor da lembrança da perda súbita de um ente querido, também trouxe consigo um problema grave para as práticas cristãs. [...] os religiosos foram muito vitimados pelo alto grau de contágio da doença, uma vez que eram frequentemente chamados pelos enfermos com a perspectiva de uma morte bastante próxima. (QUÍRICO, 2012. P.138).

Esse zelo concernente à destinação escatológica da alma no pós-morte não configurava uma novidade no imaginário litúrgico do período. No decurso da Baixa Idade Média, as representações acerca da finitude biológica orbitavam em torno da necessidade de o indivíduo acumular méritos espirituais e práticas devocionais antes da consumação do óbito. Sob a égide da teologia soteriológica medieval, postulava-

se que, no momento do juízo particular, as ações beneméritas seriam pesadas em um escrutínio metafísico, viabilizando a ascensão do sujeito ao Paraíso celestial. Para que o julgamento ponderasse favoravelmente à alma do falecido — em consonância com o princípio iconográfico da psicostasia —, fazia-se imperativo que o registro de suas virtudes e obras pias sobrepujasse o cômputo de suas faltas e transgressões morais consignadas no Livro da Vida, conforme afirmou Ariès (2014):

> O símbolo do livro é antigo nas Escrituras. Encontramo-lo na visão de Daniel (XI, 1): 'Nesse tempo erguer-se-á Miguel, *princeps magnus*, que se deterá perante as gerações do teu povo. Virá então um tempo como nunca houve desde o nascimento das nações. Mas nesse tempo, o teu povo será salvo: todos aqueles cujo nome terá sido encontrado no livro.' E ainda, no Apocalipse, V, 1: 'Vejo na mão daquele que se senta no trono um livro escrito *recto* verso, selado com quatro selos.' Este livro é o rolo que o Cristo de Jouarre segura na mão, perante os eleitos que o aclamam. Continha os seus nomes e era aberto no fim dos tempos. Mas na época de Jouarre, servia de modelo a um outro líber vitae, livro real desta vez, onde estavam inscritos os nomes dos benfeitores da Igreja que se liam durante as orações galicanas da oblação: o recenseamento dos santos. Esse mesmo livro de Daniel ou do Apocalipse, na fachada de Conques, é mantido aberto por um anjo e designado pela inscrição: *signatur* líber vitae. Contém os habitantes da terra *viventium*, como diz o Lauda Sion do Corpo de Deus, que assim indica o Paraíso. (ARIÈS, 2014. P. 135).

A tradição litúrgica tardo-medieval respaldava-se, outrossim, na estrita observância dos rituais funerários. Estes configuravam uma responsabilidade prescrita aos consanguíneos do de cujus, aos quais competia encaminhar adequadamente a alma do falecido ao tribunal escatológico, instância presidida pela Divindade e coadjuvada pelas hostes arcanjélicas. Esse detalhamento minucioso do metafísico — estruturado sob o signo da psicostasia — operava a pesagem das almas na balança celestial após o Juízo Final. Esse rito detinha a função precípua de consumar a cisão definitiva entre os bem-aventurados eleitos e os indivíduos sentenciados à danação eterna, em estrita consonância com o que preconizavam as Sagradas Escrituras.

> Contudo, o julgamento nem sempre segue a escolha da balança. Intercessores mediam e representam um papel que o texto de são Mateus não previra, o papel conjunto do advogado [*patronus*] e o do suplicante [*advocare deum*], que fazem apelo à piedade, isto é, à graça do juiz supremo. O juiz tanto é aquele que concede a graça ao culpado como aquele que o condena, e cabe a alguns de seus familiares incliná-lo ao perdão [...] (ARIÈS, 2014. P. 133).

É fundamental assinalar que a semântica atrelada ao simbolismo do Livro da Vida no imaginário tardo-medieval não permaneceu estática ou imutável no decorrer

dos séculos; ao contrário, sua iconografia e hermenêutica foram constantemente ressignificadas e reatualizadas. Semelhante reinterpretação escatológica operava como um vetor normativo, cujo escopo residia em orientar a práxis social e as relações intersubjetivas que os indivíduos deveriam exercer na esfera terrena. Por conseguinte, a projeção metafísica acerca do lugar a ser ocupado no pós-morte constituiu-se como um dos principais mecanismos de controle social, concorrendo diretamente para a manutenção da ordem, da hierarquia e da coesão das estruturas comunitárias da época..

> Esse é o sentido primeiro do *liber vitae*, que vai contudo mudar no século XIII. O livro já não é o *censos* da Igreja universal, tornou-se registo em que se acham inscritos os negócios dos homens. A palavra registro aparece, aliás, em francês no século XIII. É o sinal de uma mentalidade nova. As ações de cada homem não se perdem no espaço ilimitado da transcendência, ou ainda, em outras palavras, no destino coletivo da espécie. Ei-los de agora em diante individualizados. A vida já não se resume exclusivamente a um sopro [*anima, spiritus*], a uma energia [*v*irtus]. É composta de uma soma de pensamentos, palavras, ações [...] (ARIÈS, 2014. P. 135).

Esse zelo concernente à destinação transcendental do de cujus regulava a pletora de celebrações litúrgicas e missas sufragâneas tidas como necessárias para abreviar a estada da alma no Purgatório e assegurar o seu repouso eterno. Sob essa prerrogativa, no limiar da finitude, o próprio indivíduo frequentemente estipulava a quantidade dessas oblações em suas disposições de última vontade. A proliferação desses testamentos e das diretrizes escatológicas legadas aos sobreviventes codificou e moldou de forma indelével o imaginário macabro das populações europeias da Baixa Idade Média ao século XVIII, dinâmica amplamente balizada pelas investigações de Ariès (2014, p. 115-120):

> Quando reapareceu no uso corrente no século XII, o testamento deixou de ser o que era na antiguidade romana e o que voltará a ser no final do século XVII: apenas um ato de direito privado destinado a regulamentar a transmissão dos bens. Era em primeiro lugar um ato religioso imposto pela Igreja, mesmo aos mais desprovidos. Considerando um sacramental, como a água benta, a Igreja impôs-lhe o uso, tornando o obrigatório sob pena de excomunhão: aquele que morria sem testar não podia, em princípio, ser enterrado na igreja nem no cemitério. O redator, o conservador dos testamentos, tanto podia ser o pároco como o notário [...] (ARIÈS, 2014, p.250).

Essas celebrações litúrgicas, permeadas por cânticos penitenciais, simbologias rituais e cerimônias fúrebres voltadas à salvação do falecido, operavam como mecanismos de amparo psicológico destinados a mitigar a angústia dos sobreviventes. Ao estruturarem uma transição ritualizada para o pós-morte, tais

práticas codificavam no imaginário coletivo dos vivos a percepção de beatitude e conciliação espiritual da alma no plano transcendental.

> As antigas liturgias previam uma missa solene (a missa de Requiem na liturgia romana) que precederia o sepultamento; mas essa prática foi sem dúvida reservada aos clérigos e a alguns poucos laicos importantes. O uso comum não impunha qualquer cerimônia na igreja antes da *absoute* da descida ao túmulo. A partir do século XIII, o costume muda. No dia do enterro, quase sempre no dia seguinte ao do falecimento, toma-se o hábito de celebrar um serviço que termina sobre o túmulo por uma última *absoute*. Até o século XVI, o serviço não se acha ligado à presença do corpo, que só chega para a inumação. Todavia, torna-se mais frequente o hábito, nos testamentos, de pedir que o corpo seja levado à igreja, no dia do enterro. No século XVII, a presença do corpo tornou-se a regra. A importância tomada pelo serviço, com ou sem o corpo, explica o papel da "representação" no cerimonial da morte do fim da Idade Média até os nossos dias (ARIÈS, 2014, p.138-139).

Contudo, essa engrenagem soteriológica e ritualística ruiu de forma abrupta com a irrupção da Peste Negra no Ocidente europeu. Em decorrência da expressiva mortalidade que assolou o corpo eclesiástico, o contingente de sacerdotes disponíveis para a celebração das missas sufragâneas e para a execução dos ritos de passagem adequados diminuiu drasticamente nas comunas afetadas. Faz-se premente considerar que a atuação desses ministros do altar consolidara-se como elemento fulcral desde a Alta Idade Média, período a partir do qual passaram a exercer o monopólio espiritual da mediação escatológica, operando como os agentes indispensáveis para o encaminhamento e a salvaguarda da alma do falecido em direção ao plano transcendental.

> Assim, não existe mais lugar em torno do morto para as grandes e longas deplorações de antigamente; ninguém mais declama em voz forte as saudades e os elogios, como outrora. A família e os amigos, então silenciosos e calmos, deixaram de ser os principais atores de uma ação da qual se retirara a dramaticidade. Os principais papéis são, dali por diante, reservados aos padres e, em especial, aos monges mendicantes, ou ainda, a personagens semelhantes aos monges, laicos com funções religiosas, como os das ordens terceiras ou confrades – isto é, novos especialistas da morte (ARIÈS, 2014, p.217).

Constata-se que essa acentuada retração demográfica decorreu, fundamentalmente, da natureza espacial e institucional dos locais ocupados por parcela expressiva das ordens religiosas. A coabitação em regime de reclusão em complexos monásticos, abadias e conventos transformou esses estabelecimentos cenobíticos em focos de contágio fulminante. Uma vez introduzida a bactéria nesses recintos de alta densidade populacional, as chances de isolamento profilático anulavam-se. Outrossim, a performance assistencial característica desse estrato

eclesiástico, manifestada no contato direto, cotidiano e recorrente com os moribundos e na administração dos sacramentos fúrebres, constituiu o vetor determinante para a dizimação desse segmento social, como afirma Quírico (2012, p.138): “Deve-se considerar também que os membros do clero regular viviam em mosteiros ou conventos extremamente populosos; vários dentre eles já eram de mais idade, e, portanto, mais sensíveis a qualquer tipo de infecção [...]”.

Rogo e hedonismo: formas sociais de se relacionar com a peste negra

No que tange à instrumentalização literária dessa sofreguidão pela salvaguarda transcendental da alma, faz-se profícuo examinar como a prosa boccacciana satiriza a eficácia dos sacramentos e as angústias dos sobreviventes quanto à inclusão do falecido no rol dos eleitos celestiais. Logo no conto de abertura do *Decameron* (Jornada I, Novela 1), o autor introduz a narrativa de *Ser* Ciappelletto (Ciapperello da Prato), personagem construído como o arquétipo da imoralidade, da fraude documental, da perversão moral e da blasfêmia, encarnando o catálogo dos vícios capitais mais severamente condenados pelo imaginário litúrgico do *Trecento*. Ao ver-se acometido por uma enfermidade letal na Borgonha, o protagonista depara-se com o temor de seus anfitriões — dois mercadores florentinos receosos das repercussões sociais e espirituais de abrigarem um pecador impenitente à beira da morte. Diante disso, Ciappelletto solicita a presença do confessor mais austero e reputado da municipalidade. Mediante uma magistral confissão fictícia, alicerçada na astúcia retórica e na simulação sistemática de virtudes, o moribundo engendra uma biografia santificada de si mesmo. O estratagema convence o piedoso frade que, comovido pela suposta pureza da alma agonizante, administra-lhe a extrema-unção, absolve-o de suas iniquidades e assegura publicamente sua ascensão ao Paraíso celestial, culminando na posterior veneração popular do fraudador sob a alcunha de São Ciappelletto (BOCCACCIO, 2018, p. 50-65).

Sob essa perspectiva analítica, depreende-se que Boccaccio empreende uma sátira contundente e de densidade teórica acerca das convenções eclesiásticas voltadas ao encaminhamento das almas à beatitude. Ao evidenciar que os representantes das ordens confessionais se revelavam vulneráveis à simulação e à astúcia retórica — manipulados inclusive pelo mais vil dos indivíduos —, o literato postula que a eficácia da salvação soteriológica transcendia o monopólio e os ritos

mecânicos da engrenagem institucional. Destarte, o texto boccacciano transfere a centralidade da redenção humana para os domínios insondáveis da misericórdia divina e da dimensão individual da fé. Na economia interna da obra, o autor preconiza que, frente à inexorabilidade e ao desespero semeados pelo flagelo epidemiológico, somente o julgamento absoluto da Providência, e não a mediação de clérigos ludibriados, detinha a prerrogativa de salvaguardar as almas da ação avassaladora do mal escatológico (BOCCACCIO, 2018. p.64).

> Não quero negar que seja possível ser esse homem beato, na presença de Deus. Embora sua vida tenha sido acelerada e perversa, bem pode ele ter sentido, na quadra extrema da existência, tamanha contrição, que, em consequência, Deus manifestou misericórdia para com ele, recebendo-o no Seu reino. Considerado, porém, que isto é circunstância oculta, a nós desconhecida, eu só raciocino de acordo com aquilo que as aparências sancionam. Digo, pois, que este sr. Ciapperello deveria encontrar-se, de preferência, nas mãos do diabo, e não no paraíso. Se assim é, enorme se pode dizer que é a bondade de Deus, para conosco. A bondade se manifesta, não para com o nosso erro, e sim em consideração à pureza da fé. Fazendo do sr. Ciapperello, que foi inimigo de Deus, nosso mediador perante Ele, por o julgarmos amigo de Deus, o Todo-poderoso nos ouve, como se recorrêssemos, para a tarefa de mediador, na consecução da Sua graça, a um santo verdadeiro. Por isso, louvando o nome de Deus, com o qual demos início a esta conversação, prestamos-Lhe reverência. Recomendamo-nos a Ele, nas nossas necessidades, certíssimos de sermos ouvidos, e também para que, pela Sua graça, sejamos conservados são e salvos nas adversidades presentes, bem como nesta tão agradável companhia (BOCCACCIO, 2018, p. 61).

Soma-se a esse cenário de colapsos institucionais a crise estrutural nos cemitérios e nos espaços de inumação. Em decorrência do vultoso contingente de óbitos diários e do perigo iminente que os cadáveres representavam à saúde pública — visto que os corpos dos infectados, mesmo após a morte biológica, funcionavam como vetores em potencial de disseminação do patógeno bacteriano e de contaminação do solo —, as liturgias fúnebres tradicionais, os vínculos que os sobreviventes mantinham com a espacialidade dos mortos e a própria arquitetura do cemitério sofreram profundas transmutações. A cerca dos cemitérios como espaços para além de simples lugares de repouso dos defuntos, eram também um representante simbólico da hierarquia social existente na região, conforme elucidado por Lauwers (LAUWERS, 2015, p.314), “A inumação no cemitério consagrado constituía um ato social de agregação. Os ritos fúrebres e a proximidade das sepulturas traduziam, na topografia do solo sagrado, a coesão das estruturas familiares e o ordenamento hierárquico da cristandade.".

Essa reorganização geográfica de teor eminentemente profilático e sanitarista sinalizou uma ruptura radical com a tradição multissecular da *inumação ad sanctos*. Sob o impacto avassalador da *Magna Pestilencia*, a saturação biológica e o esvaziamento das estruturas assistenciais colapsaram esse ordenamento comunitário tradicional. Compilando os dados da história das instituições, Lauwers (2015, p. 356) demonstra que o medievo tardio marcou a conjuntura exata em que as instâncias civis se viram compelidas a intervir na gestão e no isolamento das necrópoles, preterindo os critérios puramente soteriológicos da Igreja em favor de exigências pragmáticas de controle higienista e ordenamento citadino, cenário que reverbera com precisão na crônica biográfica e literária de Boccaccio

No que tange às modificações dentro das dinâmicas de relação entre os vivos e a espacialidade dos cemitérios, cumpre assinalar que tais transformações já se delineavam previamente ao advento da Peste Negra. Ariès evidencia como a Igreja Católica, no decurso do século XIII, manifestava uma crescente preocupação em normatizar e disciplinar a conduta secular nesses recintos consagrados. Conforme pondera o historiador francês (ARIÈS, 2014, p. 46), "em 1231, o concílio de Rouen proíbe dançar no cemitério ou na igreja, sob pena de excomunhão. Um outro concílio de 1405 proíbe a dança no cemitério, bem como a prática de qualquer jogo, impedindo também que os mímicos, os prestidigitadores, os mascarados, os músicos e os charlatães exercessem sua profissão suspeita no local". Essa ofensiva institucional de teor moralizador visava ordenar o espaço sagrado, delimitando rigidamente as fronteiras físicas e simbólicas que separavam o mundo dos vivos do repouso dos mortos no âmago daquela sociedade.

> O espaço do cemitério, delimitado e consagrado pela autoridade episcopal, instituiu-se no Ocidente como uma terra estritamente eclesial. Enterrar os fiéis nas proximidades da igreja paroquial significava assegurar a sua inscrição definitiva na comunidade dos santos." (LAUWERS, 2015, p. 27).

No que concerne à espacialidade fúnebre tardo-medieval, cumpre assinalar que a eclosão da *Magna Pestilencia* em 1348 não alterou de forma imediata a arquitetura das necrópoles, cuja centralidade no seio dos espaços habitados constituía o cerne da dominação eclesial, conforme balizado pelas investigações de Michel Lauwers (2015). Todavia, o vultoso contingente de óbitos diários impôs às autoridades políticas de cada comuna a necessidade emergencial de intervir na gestão higienista do solo sagrado. Essa ingerência laica, motivada pelo pavor do

contágio bacteriano e pela saturação das áreas paroquiais, preteriu temporariamente os critérios puramente litúrgicos em favor de exigências logísticas e sanitárias. Na mesma direção, Baschet (2024) adensa esse debate ao postular que o empilhamento anônimo em valas comuns representou o colapso mais visível da desestruturação dos laços de solidariedade paroquial, inaugurando as primeiras fissuras no monopólio exclusivo que a Igreja exercia sobre a terra dos mortos desde a consolidação do espaço cenobítico

Sob esse prisma, o confinamento ou a transferência dos espaços de inumação para as periferias urbanas não se reduziu a uma reorganização logística de caráter emergencial; configurou-se, em última análise, como um manifesto indicativo da falência das instituições paroquiais e das malhas de parentesco face à inexorabilidade da mortandade epidêmica:

> O pessimismo invade os espíritos e o sentimento de viver em um mundo agonizante, que chega ao seu fim, faz-se mais presente do que nunca. A obsessão pela morte irrompe em tudo, tanto nas práticas funerárias como na literatura e na arte, onde os 16 temas macabros, como o 'triunfo da morte', e depois as 'Danças macabras', florescem [...]. (BASCHET, 2024. P.264).

Uma outra vertente comportamental mediante a qual os sujeitos se relacionavam com a finitude imposta pelo flagelo epidemiológico manifestava-se, precisamente, na ruptura drástica das tradições rituais supracitadas. Diante da constatação empírica do contágio pela bactéria e da iminência inexorável do óbito, o desespero psicológico e a anomia social conduziram a manifestações extremas de isolamento e desamparo. Em decorrência do colapso das redes de solidariedade comunitária e da escassez absoluta de agentes funerários sobreviventes, registraram-se cenários limite nos quais os próprios enfermos, marginalizados pelo pavor coletivo, viam-se compelidos a escavar as próprias sepulturas, aguardando solitariamente o desenlace biológico para resguardar os sobreviventes de ulteriores tribulações.

> Lembremos aqui o caso, assinalado por Montaigne, de camponeses ameaçados pela peste que cavavam sua própria fossa e ali se deitavam para morrer, assentando eles próprios a terra sobre si; gesto marcado ao mesmo tempo pela desesperança e por uma sombria coragem. (DELUMEAU, 2009. P.188-9).

Matteo Villani, cronista florentino do século XIV, relata como os sujeitos da época haviam perdido a fé na vida e, se voltando para uma vida de luxo, faziam exatamente o contrário do que os homens religiosos diziam (QUÍRICO, 2012. P.142).[8]

> Acreditava-se que os homens, os quais por Sua graça Deus havia preservado a vida, tendo visto o extermínio de seus próximos, e de todas as nações do mundo, ouvindo [coisa] semelhante, se tornariam melhores, humildes, virtuosos e católicos, evitando iniqüidades e pecados, e estivessem cheios de amor e caridade um pelo outro. Mas no presente, cessada a mortalidade, aconteceu o contrário: que os homens se encontrando menos numerosos, e mais ricos por heranças e sucessões de bens terrenos, esquecendo as coisas passadas como se nunca tivessem existido, deram-se a uma vida mais vergonhosa e desonesta do que antes.

Diante da escassez de religiosos aptos a aplacar as angústias de uma sociedade assolada pela Peste Negra, as coletividades passaram a empreender uma busca sistemática por agentes causadores e culpados pela disseminação da patologia. Essa investida detinha como escopo primordial neutralizar a ação dos males que as acometiam. Delumeau (2009) analisa que semelhante movimento persecutório resultou em três vertentes interpretativas pelas quais os sujeitos daquela temporalidade intentavam identificar a gênese do flagelo que rondava suas vidas, cuja agressividade fazia com que a presença das forças apocalípticas se tornasse constante em seus territórios.

> [..] Ora, três explicações eram formuladas outrora para dar conta das pestes: uma pelos eruditos, a outra pela multidão anônima, a terceira ao mesmo pela multidão e pela Igreja. A primeira atribuía a epidemia a uma corrupção do ar, ela própria provocada por fenômenos celestes (aparição de cometas, conjunção de planetas etc.), por diferentes emanações pútridas, ou então por ambos. A segunda era uma acusação: semeadores do contágio espalhavam voluntariamente a doença; era preciso procurá-los e puni-los. A terceira assegurava que Deus, irritado com os pecados de uma população inteira, decidira vingar-se; portanto, convinha apaziguá-lo fazendo penitência (DELUMEAU, 2009, p.201).

Essa crise pestilenta gerou na sociedade do século XIV, dois grupos sociais que se relacionaram com a Peste e a iminência da morte de forma bem discrepantes. O primeiro grupo eram os que sabendo que o fim de suas vidas era uma questão de tempo e aproveitando das mortes e da falta de executores das leis locais, despejavam

[8] QUÍRICO, Tâmara. **Peste Negra e escatologia: Os efeitos da expectativa da morte sobre a religiosidade do século XIV**. Mirabilia: electronic journal of antiquity and Middle Ages, 2012, N. º 14, P. 135-155.

sua existência em orgias sexuais – condenadas veementemente pela Igreja –, na consumação excessiva de bebidas alcoólicas e furtos e roubos. Acerca desse primeiro grupo, Boccaccio (2018, p. 33) elucida que “Os ministros e os executores das leis, assim como os outros homens, estavam todos mortos, ou enfermos, ou tinham perdidos os seus familiares, de moo que não podiam desempenhar função alguma. Por decorrência deste estado, era lícito, a todos, fazer o que bem lhes agradasse.”

> Outras pessoas [...] afirmavam que eram remédios eficazes, para tamanho mal, o beber em abundância, o gozar intensamente, o ir cantando de um lado para outro, o divertir se por todas as formas, o satisfazer o apetite fosse lá do que fosse, e o rir e o zombar do que acontecesse, ou pudesse acontecer. Como diziam, assim faziam, da maneira que se lhes tornasse possível, de dia e de noite. Ora iam a uma taverna, ora a outra; bebiam sem modos e sem comedimentos. E mais ainda o faziam na casa dos outros, obrigando-os a ouvir o que eles tivessem vontade ou gosto de dizer. E podiam fazer isto sem maiores cuidados, porque cada qual – quase como se não tivesse mais de viver – já havia deixado ao abandono as suas coisas, assim como havia deixado ao abandono sua própria pessoa. Em consequência, a maior parte de suas casas passou a ser morada em comum; usava-as o estranho, que nelas entrasse, como as teria usado o próprio dono delas. E, com todo este comportamento bestial, estas pessoas sempre fugiam dos enfermos, na medida do possível. (BOCCACCIO, 2018. P.32)

Um outro grupo, frequentemente associado ao movimento dos Penitentes e Flagelantes, possuía raízes em correntes heterodoxas e ascéticas surgidas no século XII, mas ganhou contornos apocalípticos sem precedentes diante do avanço da peste. Inseridos nessa perspectiva escatológica de fim dos tempos, esses indivíduos organizavam procissões solenes pelas comunas, com o intuito de expiar seus pecados em vida e, por conseguinte, assegurar a salvação eterna no paraíso. Tais cortejos guardavam o duplo objetivo de incensar as vias públicas — em uma tentativa de purificação do ar contaminado pelos miasmas — e de demonstrar publicamente a renúncia à vida mundana. Essa contrição manifestava-se por meio da autoflagelação pública, prática ritualística que visava emular o sacrifício de Cristo e sua dolorosa via-crúcis até o Calvário (QUÍRICO, 2012, p. 150-151).

Em suma, as reações polares manifestadas pela sociedade florentina do século XIV frente à devastação da Peste Negra desvelam não apenas o medo generalizado da finitude, mas, fundamentalmente, a falência das estruturas institucionais e normativas que balizavam o cotidiano medieval. Ao oscilar entre o hedonismo radical e o ascetismo escatológico dos Penitentes, o tecido social fragmentou-se diante de uma crise que desafiava tanto a autoridade secular quanto o consolo teológico tradicional. Esse cenário de anomia e dissolução dos laços comunitários funcionou

como o substrato histórico e sociológico a partir do qual Giovanni Boccaccio erigiu o *Decameron*. Longe de ser um mero exercício de entretenimento, a obra boccacciana surge, portanto, como uma resposta literária e humanista a esse caos, utilizando a narrativa como um instrumento de reorganização simbólica e de reconstrução da própria civilidade perdida no Calvário da epidemia.

A resposta boccacciana: análise de passagens e novelas selecionadas

Ao analisarmos a Introdução do Decameron, torna-se evidente que a via resolutiva preconizada por Boccaccio estrutura-se justamente a partir de um intrincado arco de teor moral e pedagógico. Por meio da mobilização de seus personagens e narradores, o autor empenhou-se em descortinar profundas dicotomias nos discursos, nas práticas cotidianas, nos modos de se portar em sociedade e nas maneiras de interagir com a religiosidade e os demais sujeitos do período.

Longe de configurar um mero exercício estilístico, tal análise portava o escopo premente de descortinar aos seus leitores os caminhos éticos e comportamentais reputados, apropriados para aplacar a cólera divina e sanar a corrupção proveniente da Cristandade e da Aristocracia. Sob a ótica boccacciana, a mitigação dessa ira metafísica constituía o único baluarte capaz de frear o avanço devastador da Peste Negra.

O Decamerão se inicia com a história de Ciapperello, símbolo de toda imoralidade, desvirtuamento, desonra, mentiras, falsidades e finaliza com a história do marques Gualltieri que exalta a lealdade, a honra e a dignidade perfeita, valores presentes em sua esposa Griselda, uma mulher pobre que foi elevada ao cargo de marquesa e, mesmo tendo uma origem muito distinta da de seu marido, era muito devota de seu senhor e acabou por se tornar um exemplo moral, ético, valoroso e respeitoso para todos (BOCCACCIO, 2018. P.434-36). Todo o desenvolvimento da obra, permite compreender a intenção do autor em construir uma trajetória moral para seus leitores, o que o mesmo deixa explícito em sua obra

> Portanto, a fim de que para mim se corrija o pecado da Sorte, pretendo contar cem novelas ou fábulas, ou parábolas, ou histórias, ou o que quer que sejam [...]. Em socorro e refúgio daqueles que amam, é que escrevo [...] O que escrevo são coisas contadas, em dez dias, por um grupo honrado de sete mulheres e de três moços, na época pestilenta da passada mortandade, levada a cabo. Nas mencionadas novelas, aparecerão casos de amor. Uns serão agradáveis; outros escabrosos [...] (BOCCACCIO, 2018. P.23).

É possível observar uma dura crítica que Boccaccio exerce sobre a elite florentina do século XIV. Utilizando o sermão bíblico presente no livro bíblico de Mateus: “Eu garanto a vocês: um rico dificilmente entrará no Reino do Céu. E digo ainda: é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mt, 19: 23-25), o autor não mede esforços para responsabilizar as elites de sua região pelo acúmulo de imoralidade, a principal responsável pela Ira de Deus contra os Homens.

Em sua última novela, este afirma que os espíritos celestiais têm mais probabilidade de descerem na casa de pessoas pobres, enquanto na residência de pessoas da nobreza a probabilidade era de chegarem espíritos indicados para guardarem “porcos”. Dentro desta novela, o autor esclarece que as verdadeiras virtudes estão mais próximas de pessoas pobres e sem privilégios políticos. No que tange as classes nobres e de poder econômico mais altos, as mesmas virtudes vão desaparecendo. Provavelmente, o autor pretendia evidenciar essa fratura aristocrática no seguinte excerto:

> Que é que se poderá dizer, aqui, senão que também nas casas mais pobres descem do céu, espíritos divinos, assim como também nas casas reais descem espíritos que seriam mais indicados para guardar porcos do que merecedores de exercer senhoria sobre os outros homens? Quem teria, afora Griselda, suportado, com semblante não somente enxuto, mas também alegre, as provas duras, talvez mesmo inauditas, impostas por Gualtieri? Ao marquês talvez não ficasse mal a circunstância de se encontrar com uma mulher de outra índole. Com uma mulher que, logo depois de ser expulsa de casa, como Griselda o foi, em camisa, se entregasse aos braços de outro homem, e acabasse sendo um exemplo de coisa diversa do que foi a filha de Giannúcole [Griselda] (BOCCACCIO, 2018. P.443).

Além da crítica contundente direcionada à aristocracia florentina, Boccaccio não se furtou de satirizar e expor a corrupção latente no clero medieval. Na segunda novela da Primeira Jornada, a narradora Neifile relata a trajetória do judeu Abraão e do cristão Giannotto di Civigni, cujo núcleo dramático orbita os esforços exaustivos deste último para converter o amigo ao cristianismo. A rubrica inicial da novela sintetiza o enredo ao apontar que o "judeu Abraão, instigado por Giannotto di Civigni, vai à corte de Roma; vendo a malvadeza dos clérigos, regressa a Paris, onde se torna cristão" (BOCCACCIO, 2018, p. 65). Premido pela insistência de Civigni, o comerciante judeu aceita a conversão sob uma condição estrita: antes do batismo, viajaria a Roma para testemunhar o comportamento dos líderes da Igreja e, assim, colocar em xeque a suposta santidade da fé cristã. A narrativa descortina, a partir de então, o profundo temor de Civigni, ciente de que Abraão presenciaria, na própria

capital da cristandade, a luxúria, a ganância, a depravação moral e a simonia que dominavam a corte papal (BOCCACCIO, 2018, p. 65-68).

> Afigura-se me coisa má que Deus dê felicidade a todos quantos eles são! Digo-lhe isso porque, se eu soube examinar bem os fatos, não me pareceu ver, ali, qualquer santidade, nem qualquer devoção, nem qualquer boa obra, nem qualquer exemplo de vida decente, em pessoa que fosse do clérigo. Só vi luxúria, avareza e gula, além de outras coisas a essas semelhantes, e mesmo muito piores, se é que podem existir coisas piores, praticadas por alguém. Pareceu-me ver tanta gente vivendo plenamente satisfeita, que passei a considerar aquilo [Roma] mais uma oficina de operações diabólicas do que um templo de atos divinos. Pelo que pude estimar, com o máximo de solicitude, de inteligência e de arte, afigurou-me que o seu pastor [o papa] e, por conseguinte, todos os outros se esforçam no sentido de reduzir a nada, e até de eliminar do mundo, a religião cristã, ao invés de serem, como deveriam ser, os seus alicerces, os seus sustentáculos [...] (BOCCACCIO, 2018, p.69).

Dessa forma, depreende-se *a priori* que determinados eixos temáticos, mobilizados em novelas específicas, convergem para legitimar a posição defendida pelo autor desde o exórdio de seu texto. Essa articulação teleológica consolida-se notadamente no encerramento do *Decameron*, espaço no qual Boccaccio descortina a maneira pela qual seria possível aplacar a cólera divina, mitigar o contágio, expurgar a corrupção latente na aristocracia e na cristandade, e assegurar a perenidade dos valores cristãos no mundo. Por conseguinte, constata-se que, para além da pluralidade de temas discutidos ao longo das cem novelas, a arquitetura da obra — que se inicia no caos da Introdução e culmina na ordem de sua Conclusão — funciona como o microcosmo ideal que sintetiza o pensamento boccacciano acerca da peste e da sociedade florentina.

> Se a juventude alegre Deve a mulher gozar com um belo amor; Se o prestígio da virtude, Do arrojo, ou do heroísmo, Da prudência, das maneiras, ou do falar florido, Ou ainda das dedicações absolutas, Assim se consegue, eu sou aquela, por certo, Que, estando enamorada, e para sua salvação, Tudo isso vê na sua própria esperança (BOCCACCIO, 2018. P.446).

Considerações finais

Resta-nos, por conseguinte, uma última e fundamental questão: qual teria sido, sob a perspectiva analítica de Giovanni Boccaccio, a saída mais efetiva para o enfrentamento da Peste Negra, a contenção de sua proliferação e o apaziguamento da cólera divina? Ademais, procura-se compreender de que maneira essa alternativa delineada pelo autor manifesta-se e é percebida na arquitetura estética e conceitual de sua obra. Com base no escrutínio dos recortes textuais selecionados nesta pesquisa, constata-se que a via resolutiva preconizada por Boccaccio não residia nos

extremos comportamentais da época, mas na edificação de uma trajetória pedagógica e moralizante.

Longe de se apoiar em um fatalismo inerte, a validação da hipótese deste trabalho materializa-se diretamente na progressão interna das novelas analisadas. A transição do caos à ordem civilizatória é empiricamente comprovada pelo contraste absoluto entre a abertura e o encerramento do livro: inicia-se com a exposição da degradação ética extrema na figura de Ser Ciappelletto — representação literária da própria anomia e falência institucional que alimentavam o castigo divino —, e culmina no arquétipo virtuoso de Griselda. Essa alternativa é esteticamente articulada também por meio da sátira anticlerical, como demonstrado na novela do judeu Abraão, na qual o autor expõe que os vícios e a simonia das elites eclesiásticas eram os motores da crise espiritual do período.

Portanto, a análise dessas amostras literárias específicas validam a hipótese de que a Introdução e o encerramento da obra funcionam como o microcosmo ideal do projeto moral boccacciano. A reconfiguração social proposta pelo autor não dependia de ritos mecânicos falhos, mas sim da microssociedade ordenada dos jovens narradores: um modelo que contrapõe à dissolução urbana o império da razão, da civilidade e da dignidade humana. O presente estudo demonstrou, em última análise, que a palavra e a ordenação literária atuaram como o fármaco capaz de guiar a humanidade do colapso moral à restauração de sua dignidade coletiva.

Referências bibliográficas

Fontes:

BOCCACCIO, Giovanni. **O Decamerão**. Tradução de Raul de Polillo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. 2 v. Box.

BOCCACCIO, Giovanni. **Decameron**. Edizione critica secondo l'autografo hamiltoniano. A cura di Vittore Branca. Milano: A. Mondadori, 1976. (Tutte le opere di Giovanni Boccaccio, v. 4).

BOCCACCIO, Giovanni. **Decameron: codice autografo**. c. 1370-1372. 1 manuscrito (pergaminho, 113 f.). Berlim: Staatsbibliothek zu Berlin - Preußischer Kulturbesitz, [1375]. Codex Hamilton 90. Disponível em: staatsbibliothek-berlin.de. Acesso em: 17 jul. 2026.

LIEFERINXE, Josse. São Sebastião Intercede pelas Vítimas da Peste. 1497-1499. 1 painel (óleo sobre madeira), color., 81,8 cm × 55,4 cm. Walters Art Museum, Baltimore. Disponível em: thewalters.org Acesso em: 17 jul. 2026.

Referências

ARAÚJO, André de Melo et al. (Orgs.). **A época moderna**. Petrópolis: Vozes, 2024.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo, Editora Unesp, 2014.

ARNÓBIO, o Jovem (Atribuído). **Passio Sancti Sebastiani** (*Acta Sancti Sebastiani*). *In*: Migne, Jacques-Paul (Ed.). *Patrologia Latina*. Paris: Migne, 1845. v. 17, col. 1021–1058. (Documento original do século V).

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América**. São Paulo, Editora Vozes, 2024.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução do Centro Bíblico Católico. 12. ed. São Paulo: Ave Maria, 2011.

BRANCA, Vittore; RICCI, Pier Giorgio. **Il Decameron: edizione critica secondo il codice Hamilton 90**. Florença: Accademia della Crusca, 1976.

CHURRUCA, Agustín. **O livro de ouro dos santos**: vidas e milagres dos santos mais venerados no Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300 -1800**. São Paulo, Companhia de Bolso, 2009.

ERRA, Felipe Mendes. **O comércio de cereais na Baixa Idade Média: o caso de Florença (1320-1335)**. *In*: **JORNADA DE ESTUDOS MEDIEVAIS UFMG**, 2017, Belo Horizonte. **Atas** [...]. Belo Horizonte: Fafich, 2018.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen**. A Relação entre a peste negra e os judeus**. Revista Vértices, São Paulo, N.20, P. 25 – 46, 2016.

LE GOFF, Jacques. **Outono da Idade média ou primavera dos novos tempos?** In: **As raízes medievais da Europa**. São Paulo, 4ª Edição, Editora Vozes, 2011, P.175-216.

GREEN, Monica H. The Four Black Deaths. **The American Historical Review**, [s. l.], v. 125, n. 5, p. 1601–1631, dez. 2020. Disponível em: doi.org. Acesso em: 17 jul. 2026.

HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. Tradução de Francis Petra Janssen. São Paulo: Companhia das Letras, 2021..

LAUWERS, Michel. **O nascimento do cemitério**: lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval. Tradução de Paulo Neves. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

MELO, Thatiane Piazza de. **Um breve panorama sobre a Península Itálica na Baixa Idade Média, a partir do caso específico da cidade de Florença**. **Nearco**: Revista Eletrônica de Antiguidade e Medievo, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 349-359, 2021. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/nearco/article/view/57047. Acesso em: 13 jul. 2026.

QUÍRICO, Tâmara. **Peste Negra e escatologia: Os efeitos da expectativa da morte sobre a religiosidade do século XIV**. Mirabilia: electronic journal of antiquity and Middle Ages, 2012, N. º 14, P. 135-155.

SALLES, Jéssica Scheer; PINHEIRO, Rossana Alves Baptista. **A IRA DE DEUS EM DECAMERON, DE BOCCACCIO**. Revista outras fronteiras, Cuiabá, vol.2, n.2, P. 89, Jul/Dez, 2015.

STERLING, Charles. Saint Sebastian interceding for the plague stricken (by Josse Lieferinxe). **The Art Quarterly**, Detroit, v. 8, n. 3, p. 216–222, 1945.

THE WALTERS ART MUSEUM. **Josse Lieferinxe**: Saint Sebastian Interceding for the Plague-Stricken (Curatorial Description and Biography). Baltimore: The Walters Art Museum Acquisitional Records, [202-?]. Disponível em: thewalters.org. Acesso em: 17 jul. 2026.

VARAZZE, Jacopo de. **São Sebastião**. IN: **Legenda Áurea**: vidas de santos. Tradução do latim, apresentação e notas de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Capítulo 23, P. 177 – 178.

WOLFF, Philippe**. Outono da Idade média ou Primavera dos novos tempos**? Portugal, 1ª Edição, Editora 70, 1986.